

ELIANE TEIXEIRA DE SOUSA ANDRADE

**A ANGÚSTIA ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ -
CAMPUS DE SANTANA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para obtenção
do grau de Licenciada Plena em Filosofia
pela Universidade Federal do Amapá

Orientador: Prof. Dr. Afrânio Patrocínio de
Andrade.

SANTANA – AP

2019

Ao Grandioso Deus por sua imensa bondade e misericórdia por ter me guiado por esse caminho e ter dado força para superar toda a adversidade, por ter me levantado nos momentos de fraqueza e caminhado comigo nesta trilha. Aos meus familiares pela força e companheirismo constantes nos momentos felizes e também nos adversos, pelas suas palavras de incentivo e motivação, também pela paciência e confiança que depositaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Altíssimo Deus por oportunizar esse momento de estudo.

Aos Professores mestres, doutores que contribuíram para a construção de conhecimento, mostrando que o “conhecimento é interminável”, renovado.

Ao privilégio de contar com a precisão de meu orientador Professor Dr. Afrânio Patrocínio de Andrade, o qual me auxiliou nessa jornada de TCC, com toda sua experiência e sabedoria, com seus comentários críticos e valiosos para o aperfeiçoamento de meu trabalho.

O meu muito obrigado!

“A vida só pode ser comprendida, olhandose para trás; mas só pode ser vivida, olhandose para frente”.

(Sören Kierkegaard, 1813 – 1855)

RESUMO

A pesquisa aqui relatada se justifica pela necessidade de investigar as questões pertinentes às dificuldades encontradas pelos universitários do curso de filosofia do campus da Unifap em Santana para a construção de pesquisas e elaboração dos trabalhos na iniciação científica no decorrer da prática acadêmica. O objetivo geral estruturado para a pesquisa foi analisar a angústia dos alunos deste curso no ambiente acadêmico mencionado. Para tanto, utilizou-se pesquisa bibliográfica, envolveu, ainda, observação sistemática com registros fotográficos dentro do mencionado Campus. Para a pesquisa de campo quali-quantitativa e semi-estruturada utilizou-se a técnica de roteiro de entrevista semi-estruturada com vinte universitários do mencionado curso. Com isso, ressalta-se que a pesquisa conseguiu investigar e diagnosticar a angústia dos discentes nas dificuldades encontradas no cotidiano para execução das práticas didáticopedagógicas na universidade.

Palavras-chave: O conceito de angústia. A angústia acadêmica. Conhecimentos. Filosófico e científico. Fenomenologia-existencial.

ABSTRACT

The research reported here is justified by the need to investigate the issues pertinent to the difficulties encountered by university students of the philosophy course of Unifap Campus in Santana for the construction of research and elaboration of the work in scientific initiation during the academic practice. The general objective structured for the research was to analyze the anguish of the students of this course in the mentioned academic environment. For this, we used bibliographic research, and also involved systematic observation with photographic records within the mentioned Campus. For quali-quantitative and semi-structured field research we used the semi-structured interview script technique with twenty undergraduate students of the mentioned course. Thus, it is noteworthy that the research was able to investigate and diagnose the anguish of the students in the difficulties encountered in daily life for the implementation of didactic-pedagogical practices at the university.

Keywords: The concept of anguish. Academic anguish. Knowledge. Philosophical and scientific. Existential phenomenology.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	O LUGAR DA ANGÚSTIA NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO AMBIENTE ACADÊMICO.....	11
2.1	O conceito de lugar.....	11
2.1.1	O lugar da angústia no ambiente acadêmico.....	12
2.1.2	O conhecimento filosófico.....	15
2.1.3	O conhecimento científico.....	16
2.2	Conceito de angústia na Filosofia.....	18
3	ANGÚSTIA ACADÊMICA NA UNIFAP – CAMPUS SANTANA.....	25
3.1	O ambiente universitário.....	25
3.2	A angústia na Universidade Federal do Amapá/Santana.....	29
4	OS ACADÊMICOS DE FILOSOFIA E A ANGÚSTIA.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresentado como trabalho de conclusão de curso tem como objetivo fazer uma abordagem para a compreensão do conceito de angústia no âmbito filosófico e acadêmico, a partir do Campus Santana, da UNIFAP. Sabese que na sociedade contemporânea, acompanhando o desenvolvimento tecnológico, econômico e social, pela correria dos tempos modernos cheios de afazeres, surge uma população esgotada e sufocada pela movimentação incessante de seu cotidiano tomando por base suas atividades pessoais, sociais e profissionais.

Nesse universo complexo está inserido o estudante universitário do curso de filosofia da Universidade Federal do Amapá – Campus de Santana, que está direta e intrinsecamente engajada nas dimensões sociais e econômicas vislumbradas no momento atual. O acadêmico busca uma vida melhor e a sua auto realização profissional e social, condição necessária à inserção no mercado de trabalho. Entretanto, como resultado dessa busca incessante, suas responsabilidades aumentam. Não raro, as responsabilidades acadêmicas tornam o dia-a-dia do acadêmico desgastante e sufocante, o que provoca o cansaço físico e mental.

Tal realidade foi à instigação para investigar as questões pertinentes às dificuldades encontradas para a construção de pesquisas e elaboração dos trabalhos na iniciação científica no decorrer da prática acadêmica. Desse modo, a escolha do tema para a elucidação da problemática foi: a angústia acadêmica na Universidade Federal do Amapá campus de Santana, além de analisar a pertinência de sentimentos e emoções que caracterizam um estado estressor, neste ambiente universitário.

A questão que norteou esta investigação partiu do seguinte questionamento: as dificuldades no desenvolvimento das práticas acadêmicas executadas pelos discentes do curso de filosofia do Campus sob menção contribuem para o surgimento da angústia? Em caso positivo, como tal angústia é percebida pelo discente?

A hipótese principal para responder a esta problemática é que, sob uma ótica questionável de que os acadêmicos não fizerem uma prática capaz de

alcançar a aprovação para a conclusão do curso, estará fadado a perdas de oportunidades pessoais e profissionais. E isto os torna vulneráveis à angústia.

O objetivo geral estruturado para a pesquisa foi analisar a angústia no ambiente acadêmico no espaço já delimitado, a saber no Curso de Filosofia do Campus Santana, da UNIFAP - Universidade Federal do Amapá. Os objetivos específicos consistem em: 1) revisar a bibliografia sobre o conhecimento filosófico e o conhecimento científico de angústia, ainda que de forma modesta; 2) discutir teoricamente o conceito de angústia por autores que abordam a temática; 3) avaliar a percepção da angústia pelos discentes do mencionado curso de filosofia; e 4) verificar as práticas educativas desenvolvidas pelos acadêmicos neste espaço delimitado que os tornam vulneráveis à angústia.

A metodologia utilizada para realização do estudo envolveu levantamento bibliográfico, com a análise de livros, revistas, artigos, dentre outras fontes que foram fundamentais para estruturação do estudo. Envolveu, ainda, observação sistemática com registros fotográficos dentro do mencionado Campus; para a pesquisa de campo, quali-quantitativa e semi-estruturada utilizou-se a técnica de roteiro de entrevista semi-estruturada com vinte (20) universitários do mencionado Campus, a fim de saber como os acadêmicos percebem ou não a angústia e o estresse e, em caso positivo, como trabalham as relações entre esses sentimentos e emoções. Pode-se assim, verificar se a angústia pode ou não gerar dificuldades com o planejamento, elaboração e apresentação de trabalhos na prática acadêmica, em especial o trabalho de conclusão de curso.

O estudo está assim estruturado: a) conceito de lugar; b) conceito de angústia; e c) o local do estudo. Desta forma, compõe-se de três breves capítulos. No primeiro destes nos debruçamos sobre o conceito de lugar, o lugar da angústia, além das formas dos conhecimentos filosófico e científico, necessários para a construção deste estudo.

No segundo capítulo procuramos focar o conceito de angústia, a partir do pensamento dos filósofos Kierkegaard, Husserl, Heidegger, Sartre e outros autores que embasam teoricamente esta pesquisa. Procurou-se, assim, saber qual a contribuição desses pensadores para a compreensão da angústia no ambiente acadêmico.

No terceiro e último capítulo enfatizou-se a caracterização do local do estudo, ou seja, evidenciar as características da infraestrutura do Campus

Santana. Desta forma, o estudo procurou avaliar, por meio de diagnóstico, até que ponto os discentes do curso de filosofia são atingidos pelo que denominamos de angústia acadêmica. Para tanto, abordou-se de maneira concisa a análise dos dados coletados, dando ênfase às dificuldades inerentes a práticas acadêmicas desenvolvidas pelos universitários desse referido curso.

Ao final, apresentamos nossas considerações finais sobre o estudo realizado e as referências bibliográficas utilizadas neste estudo, certos de que não esgotamos o assunto, mas procuramos, dentro do possível, dar um “pontapé inicial” neste assunto tão relevante para todos que passam pela Universidade, em especial pelo Curso de Filosofia e, de alguma forma, permite que o curso modifique-o e, muitas vezes, angustiando-o.

2 O LUGAR DA ANGÚSTIA NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO AMBIENTE ACADÊMICO

Abordamos aqui os conhecimentos filosófico e o científico, ambos necessários para a construção do estudo da angústia no lugar da pesquisa. Assim sendo, o conceito de lugar é relevante para a compreensão dos fenômenos sociais, visto que a educação escolar no nível superior faz parte desse espaço social de disseminação do saber.

Etimologicamente a palavra angústia advém do latim “*Augustus*”, que significa estreito, apertado. Ainda, remete a “*sufoco*”, um estado em que o ser humano se sente sufocado por algo desconhecido, que em parte não foi experimentado, inevitável, prestes a se manifestar. Assim a angústia não tem um objeto específico, está ligada ao nada, ao vazio (SANTOS, 2011, p. 203).

2.1 O conceito de lugar

Ao analisar a categoria lugar nas Ciências Humanas o conceituado pesquisador e geógrafo brasileiro, Milton Santos assenta que o lugar é uma dimensão explicativa da realidade através da comunicação, da informação e da técnica, resultado do acontecer histórico. É o lugar de reprodução da vida. Nesse sentido, o local é caracterizado por uma escala menor dentro da categoria de lugar, onde acontecem as relações de produção e reprodução em determinados setores (econômicas, políticas, sociais e culturais). Sendo assim, o lugar identifica-se com os ambientes de trabalho: atividades primárias, secundárias, terciárias e informais (CARLOS, 2007, p. 17).

Além disso, nesses espaços também encontramos os locais de socialização, produção e reprodução do saber e as escolas em todos os níveis como lugar da educação formal. Especificamente no local universidades dá-se o ambiente acadêmico, sendo este o mote do estudo proposto nesta pesquisa: o ambiente universitário como o “lugar da angústia”. No curso de Filosofia, na disciplina de “Filosofia da Religião” ministrada neste Campus, a análise para o alcance dessa questão dá-se através do estudo de conceito de angústia proposto

pelo pensamento do filósofo Kierkegaard (2011), estendendo-se para outros autores, no âmbito do Existencialismo.

E foi esta reflexão exposta em sala de aula que nos serviu de desafio para estudar este tema, confrontando a reflexão teórica com a vivência específica dos alunos de filosofia, dentre os quais nos encontramos, experimentando esta angústia no dia a dia desta comunidade acadêmica.

2.1.1 O lugar da angústia no ambiente acadêmico

O lugar da angústia acadêmica apresenta uma dimensão prática sensível, que a análise vai aos poucos revelar o que é vivido, sentido, reconhecido e que cria uma nova identidade, novas convicções, novas crenças e novos valores. A partir deste ponto, o quadro das mediações se torna claro e a relação sujeitoobjeto se torna direta. É na universidade que se aprende como ocorrem relações de consenso e conflito, dominação e resistência. Este aprendizado é a base para se produzir e reproduzir o conhecimento da observação e da reflexão sobre o cotidiano acadêmico, onde se revelam as transformações do mundo e servem de referência para identificá-las e explicá-las. Assim sendo, Chauí destaca que:

O homem é condicionado por suas condições geográficas, históricas, sociais e econômicas. Ele percebe o mundo como submissão, como facticidade, uma vez que é determinado pelas contingências e circunstâncias da vida. Contudo, o homem não é apenas facticidade, mas é também transcendência. Ele sempre busca algo além de suas circunstâncias, algo além de si mesmo. Ele busca no devir sua realização. O que todo ser humano busca é a felicidade aqui na terra. A vida autêntica surge, portanto, quando somos capazes de dar sentido a nossa vida, preenchendo o nada que nós próprios somos (CHAUÍ, 1996 p. 8).

Assim, ao adentrarem o ambiente acadêmico os discentes trazem em sua subjetividade, o sonho, a inocência de alcançar a realização profissional e conquistar o valor de status na sociedade. Entretanto, a responsabilidade do universitário é maior durante a vivência na universidade, pois a partir deste momento o discente passa a se debruçar sobre a esteira da construção do conhecimento. Depara-se, de logo, com as ferramentas usadas na produção

metodológica da pesquisa científicas até então muitas das vezes desconhecidas para o discente, egressos do ensino médio.

Quase sempre o egresso do ensino médio se encontra despreparado adequadamente para a nova e desconhecida realidade acadêmica. Esta dificuldade é compreensível a partir da análise da matriz curricular do ensino médio, por não conter a disciplina de introdução à metodologia científica, necessária à elaboração, compreensão e resolução das problemáticas. Esta situação cria um cenário de dificuldades, causando um estado afetivo de angústia com o desenvolvimento dos modos de produção de subjetividades e objetividades no ambiente acadêmico. Os estudos de Danna e Matos revelam que:

A observação é um instrumento de coleta de dados que permite a socialização e, conseqüentemente a avaliação do trabalho do cientista. Através da observação sistemática do comportamento dos organismos, em situação "natural" ou de "laboratório", os pesquisadores têm conseguido identificar algumas das relações existentes entre o comportamento e certas circunstâncias ambientais. Por exemplo, o uso da observação tem permitido descobrir que o comportamento é influenciado pelas conseqüências que produz no ambiente; que os modos pelos quais essas conseqüências se distribuem no tempo determinam diferentes padrões de comportamento; que o comportamento pode ficar sob influência de estímulos particulares do ambiente, em detrimento de outros (DANNA; MATOS, 2006, p. 12).

Além disso, as mudanças, o afastamento do convívio familiar, a criação de novos laços de amizade, ao passar de noites sem dormir, o acordar mais cedo, podem levar o acadêmico a perda de apetite e até de peso. Além disto, há ainda aqueles que têm dificuldades de acesso à universidade. Por morarem em áreas distantes chegam atrasados ou faltam às aulas. Alguns porque não possuem condução própria, outros porque passam por dificuldades financeiras. Entre estes, muitos não têm trabalho e renda suficiente devido ao desemprego que assola o país.

Neste contexto, é comum estender a sala de aula para o seu habitat, o lugar do descanso. Assim, essas mudanças de hábitos podem ocasionar o cansaço mental e físico, podendo configurar como estressores angustiantes devido à vulnerabilidade do público acadêmico. Estas dificuldades podem afetar

até o aspecto psicológico do acadêmico, o que pode ser constatado pela Psicologia. Nesse sentido, Danna e Matos (2006, p.13) afirmam que:

Além da pesquisa, a observação é utilizada pelo psicólogo nas diferentes situações de aplicação da Psicologia, tais como: clínica, escola e organizações. (...) Os psicólogos escolares recorrem à observação para identificar dificuldades de socialização, deficiências na aprendizagem, assim como deficiências no ensino ministrado ou mesmo no currículo da escola.

Este estado de coisa, por certo tem reflexo na educação em geral e em especial, na educação formativa de nível superior. Com efeito, Paulo Freire abordou essa questão e contribuiu para o seu esclarecimento, nos seguintes termos:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 1987, p. 33).

O ensino e a aprendizagem nos diversos campos interdisciplinares, a observação e a investigação científica, durante a prática acadêmica, consistem na transferência de conhecimentos teóricos e práticos adquiridos pelo professor dentro de um determinado campo disciplinar. Assim, através da educação libertadora ocorre a interação entre o docente e o discente, desde que não seja em forma de depositar dados em “vasilhas”, ou seja, uma “educação bancária”, cujos métodos de ensino tradicionais dificultam a compreensão da nova realidade do mundo globalizado.

A prática didática e pedagógica na ministração da aula pelo docente deve conter a clareza na aplicação e explicação dos conteúdos, objetivando a apreensão, identificação das temáticas e problemáticas propostas para a construção da pesquisa pelo acadêmico. Assim sendo, possa o acadêmico

apresentar os resultados obtidos satisfatoriamente à compreensão da realidade atual da sociedade, isto é, em cada necessidade contextual das esferas econômica, política e sociocultural. Para Schwartzman e Castro a investigação científica é preponderante, pois:

[...] é entendida como atividade prática, orientada para busca de resultados socialmente significativos, e por isto frequentemente vista como inseparável da tecnologia, parte dos recursos econômicos de uma nação. Por outro, ela é parte da cultura do país, e como tal muito mais ligada a suas universidades, do que propriamente, a suas indústrias (SCHWARTZMAN; CASTRO, 1986. p. 9).

Desse modo o discente, de posse do gerenciamento da razão e emoção, adquire o poder para entender, explicar, argumentar e convencer, através de resultados alcançados, num processo de sensibilização e conscientização o seu papel e função como pesquisador, para fazer com que ocorram mudanças na dinâmica da sociedade contemporânea.

A partir das relações que o ser humano estabelece com o meio surgem diferentes tipos de conhecimento que o ajudam a compreender ou tentar entender os vários fenômenos no seu entorno por ele observados. Assim sendo, neste trabalho destaca-se a relevância do conhecimento filosófico e do conhecimento científico.

2.1.2 O conhecimento filosófico

Ruiz (1996) explica que a palavra Filosofia remete ao esforço da razão pura para questionar os problemas que envolvem os seres humanos e discernir entre o certo e o errado, recorrendo somente à razão.

No curso de filosofia, o conhecimento filosófico torna possível para o sujeito na pesquisa agir racionalmente diante de uma situação problema. Adotando a prática da reflexão para a situação vivida principalmente quando a responsabilidade é na vivência acadêmica com suas práticas na sala de aula, esse tipo de conhecimento representa a possibilidade para os acadêmicos estabelecerem as relações entre os fatos. Desse modo Lakatos e Marconi afirmam que:

O conhecimento filosófico é *não verificável*, já que os enunciados das hipóteses Filosóficas, ao contrário do que ocorre no campo da ciência, não podem ser cominados nem refutados. É *racional*, em virtude de consistir num conjunto de enunciados logicamente correlacionados. Tem a característica de *sisterryítico*, pois suas hipóteses e enunciados visam a uma representação coerente da realidade estudada, numa tentativa de apreendê-la em sua totalidade. Por último, é *infallível e exato*, já que, quer na busca da realidade capaz de abranger todas as outras, quer na definição do instrumento capaz de apreender a realidade, seus postulados, assim como suas hipóteses, não são submetidos ao decisivo teste da observação (experimentação). Portanto, o conhecimento filosófico é caracterizado pelo esforço da razão pura para questionar os problemas humanos e poder discernir entre o certo e o errado, unicamente recorrendo às luzes da própria razão humana (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 78).

A filosofia indaga os motivos quando pessoas aceitam o que está pressuposto. Dessa forma ela é uma atitude crítica da realidade, das coisas, das verdades, consistindo-se na forma de fazer e responder aos dilemas e questões do cotidiano. Ao assim proceder, a filosofia proporciona o aluno no lugar da angústia, quando busca encontrar o sentido da filosofia, do conhecimento filosófico. A grande contribuição do conhecimento filosófico está em desenvolver no ser humano a capacidade de raciocinar sobre as coisas, de refletir sobre elas possibilitando, com isso, a construção coerente de respostas. O conhecimento filosófico educa o raciocínio, uma vez que estabelece o espírito de análise como hábito. Contudo, não cabe ficar num filosofar sem objetivo, sem responder às questões que são colocadas. Por isto, a filosofia é, em síntese, uma reflexão crítica, sistemática e radical sobre a realidade objetiva ou subjetiva.

2.1.3 O conhecimento científico

O conhecimento Científico é necessário para que o homem possa compreender os fenômenos diante dos seus interesses e necessidades de esclarecimentos das realidades no mundo. Esse tipo de conhecimento pode ser aplicado a fenômenos naturais e para fenômenos sociais. O que requer uma forma de abordagem ou tratamento que propicia o entendimento das coisas, descobrindo o que está oculto pela aparência dos acontecimentos no mundo.

É o que Lakatos e Marconi explicam:

[...] Constitui um conhecimento *contingente*, pois suas proposições ou hipóteses têm sua veracidade ou falsidade conhecida através da experiência e não apenas pela razão, como ocorre no conhecimento filosófico. É *sistemático*, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teoria) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Possui a característica da *verificabilidade*, a tal ponto que as afirmações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência. Constitui-se em conhecimento *falível*, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por este motivo, é *aproximadamente exato*: novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 80).

A pesquisa é o procedimento racional e sistemático que proporciona respostas às questões levantadas. Pela pesquisa, sistematiza-se as informações e dados e os reúne em ordem, de tal forma que outro pesquisador possa, utilizando-se do mesmo ou similar procedimento, alcançar o mesmo grau de aferição da realidade. Sendo a realidade aberta, sempre escapa à análise do pesquisador. Desta forma, a ciência não se reduz a uma verdade absoluta, mas permanece aberta a outras interpretações e a outras conclusões. Por outro lado, quando não há informações suficientes, esses dados estão e continuarão dispersos e desordenados. Deve-se ainda acrescentar que a pesquisa é desenvolvida em várias fases para equacionar problemas e realizar a demonstração de resultados (GIL, 2002, p. 17).

Os principais instrumentos que indicam o trabalho científico segundo Santos, (2011). É a caracterização das pesquisas segundo os objetivos: a pesquisa acadêmica, a pesquisa de ponta, a pesquisa exploratória, a pesquisa descritiva, e a pesquisa explicativa. As pesquisas só acontecem após as coletas de informações, feitas através do experimento, levantamento, estudo de caso, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental (pesquisa ação, pesquisa participante, pesquisa ex-post-facto, pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa). Assim, a pesquisa pode ser caracterizada segundo as fontes de informações como pesquisa de campo, pesquisa de laboratório e pesquisa bibliográfica. Estes aspectos não são isolados, mas podem e até devem ser conjugados entre si.

A utilidade dos instrumentos metodológicos na construção do conhecimento científico, a caracterização das pesquisas segundo os procedimentos de coleta é a forma correta de apresentar um texto técnico

científico com autonomia intelectual que possibilite aos estudantes e aos profissionais especialmente aqueles em formação ou formados em nível superior.

É impossível construir ciência sem a utilização do instrumental metodológico, pois nossas ciências compõem-se de um conjunto metodicamente organizado de problemas e soluções já levantados, ou atualmente em desenvolvimentos relativos a uma dada necessidade humana, isto é: a teoria científica é um instrumento avançado da prática existencial.

Este aprendizado capacita o acadêmico a construir informações sempre novas cuja finalidade é recolher, organizar, transmitir e criar seja descobrindo, seja organizando, seja inventando conhecimento. Em qualquer destas situações, torna-se necessária a aprovação da comunidade acadêmica pertinente. Decorre daqui a necessidade da comunicação da pesquisa. Seja através de um artigo científico, de uma comunicação ou até de uma monografia. A submissão do resultado da pesquisa à banca examinadora busca, neste aspecto, a chancela da comunidade acadêmica.

2.2 O Conceito de angústia na Filosofia

Entendemos que “o conteúdo do conceito é a sua história” (PINTO, 1979, p. 91). Na mesma direção, pensamos que a apreensão do conteúdo do conceito exige o conhecimento de seu desenrolar e, especificamente, no movimento mais recente do pensamento moderno filosófico. É assim que concebemos o conteúdo do conceito de angústia filosófica dentro da realidade acadêmica. Por isso a segunda parte deste estudo constitui-se na análise e reflexão de autores que abordam a “angústia do homem enquanto ser existente no mundo”. No caso desta pesquisa, este “mundo” é o ambiente acadêmico de filosofia.

Uma revisão de literatura mostra que o termo angústia aparece como conceito chave e privilegiado no pensamento dos filósofos Kierkegaard, Heidegger, Husserl, Sartre e outros. Nesse sentido, para uma melhor compreensão dessa temática faremos uma abordagem na fenomenologia existencial, ou seja, essa abordagem que surgiu em meados do século XIX, tendo sido seus expoentes os filósofos Husserl, Heidegger e Sartre.

Eles se tornam, assim, fundamentais para o desvelo da “angústia” humana e arguição da temática proposta deste trabalho.

No pensamento filosófico contemporâneo a fenomenologia desponta na visão de ciência no campo da pesquisa acadêmica no processo de produção do conhecimento. Seria a busca da essência das coisas por meio da investigação racional que se dá no processo de experiência ou experimentação, que envolve a intencionalidade da consciência na relação de objetividade e da subjetividade. Como afirma Husserl: “O mundo é o conjunto completo dos objetos da experiência possível e do conhecimento possível da experiência, dos objetos passíveis de serem conhecidos com base em experiências atuais do pensamento teórico correto” (HUSSERL, 2006, p. 2)

A existência humana é rígida pelo pensamento do homem enquanto ser no mundo, funciona como um dispositivo de produção, reprodução, continuidade, na interiorização da consciência voltados a objetividade exterior.

Para Jean-Paul Sartre o existencialismo é “[...] como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana (SARTRE, 1978, p. 2).

Heidegger destaca que a apreensão do conhecimento é condição necessária para a existência do homem, como explicita-nos através da metafísica:

Se não trouxermos à tona o prazer na aventura da existência humana, se não formos transpassados por toda a enigmaticidade e plenitude do ser-aí e das coisas, se não nos mantivermos alheios a escolas e opiniões doutrinárias, e, se, apesar de levarmos a cabo cada um desses pontos, não experimentarmos junto a tudo isso um profundo querer aprender e ouvir, então os anos na universidade - por mais que passamos a acumular uma quantidade enorme de saber - serão intrinsecamente perdidos. Não apenas estes, contudo. Os anos e os tempos vindouros também tornarão um curso tortuoso e arrastado, cujo fim é uma comodidade sardônica (HEIDEGGER, 2011, p. 16).

Percebe-se aí a relevância de se estar na universidade, participando da vida acadêmica, como sendo uma das etapas da existência do ser humano, que mais do que uma necessidade, durante o exercício harmonioso e, da satisfação das atividades acadêmicas vitais para a sobrevivência nesse ambiente “angustioso”, vai adquirindo experiência pela maturidade da vontade de vencer,

de se sentir feliz como parte do seu próprio experimento, de sua essência, no modo de produção do conhecimento abstrato, filosófico e científico.

Segundo Husserl, o existencialismo fenomenológico considera cada ser único e dono do seu destino, embasados no conhecimento. Escreve esse autor:

O conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência. Na orientação teórica que chamamos “natural”, o horizonte total de investigações possíveis é, pois, designado com uma só palavra: o mundo. As ciências dessa orientação originária são, portanto, em sua totalidade ciências do mundo, e enquanto elas predominam com exclusividade, há coincidência dos conceitos “ser verdadeiro”, “ser efetivo”, isto é, ser real – como todo real se congrega na unidade do mundo – “ser no mundo” (HUSSERL, 2006, p. 1).

Na análise de Heidegger o homem é uno, no que tange ter acesso ao objeto do seu pensamento ao seu ser, ou realidade absoluta (ente). Assim, Heidegger o denomina de Ser-aí (tudo o que se crê existir). Trata-se de um “ser no mundo”, dotado da capacidade de compreensão de si e de sua existência. A partir daí o homem experimenta a angústia ao se descobrir na angústia:

Mesmo sendo um sentimento raro, fugaz, é na angústia que o ser se desvela em sua plenitude. Experimentamos a angústia quando nos sentimos farto das coisas, tudo se torna igual, tudo perde sentido. O que caracteriza essa experiência é “a fuga do ente em sua totalidade”. O ente nos escapa. Quando o ente foge, nesse instante, apreendemos o nada. É uma experiência de vazio, nos sentimos estranhos. Todas as coisas e nós mesmos afundamos numa indiferença (HEIDEGGER, 1996, p. 57).

Desse modo, o indivíduo quando se apercebe deste estado de vaziedade e passa a refletir de como escapar desse mal vem à tona a possibilidade da liberdade. De fato, Kierkegaard afirma que, a partir deste momento o homem se acha em angústia. E ele procurou de certa forma, indica-la como o ponto de partida para a liberdade, quando escreve:

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões (KIERKEGAARD, 2011, p.169).

A angústia é uma das partes do todo do homem, isto é, sua essência. Assim, como o todo do homem não pode existir sem as suas partes, a angústia funciona como parte da sua subjetividade, como uma “força reflexiva” que o

impulsiva positiva ou negativamente, a fim de que possa fugir ou permanecer no vazio, na confusão dos seus sentidos, que provoca uma distorção da percepção da sua própria existência, no seu labor, na vivência acadêmica e, no seu lazer, todos os dias e todas as noites da sua existência.

A angústia torna-se, portanto, uma categoria fundamental para que se faça na sociedade contemporânea uma análise para compreender como o homem hodierno encara essa realidade e, de que forma busca minimizar os sintomas da angústia e “relaxar”, como muitos fazem ao afirmar que “amanhã será outro dia”. Chauí na sua análise esclarece o seguinte a esse propósito:

Contudo, alguns homens fogem da angústia, procuram preencher seu vazio de modo impessoal, vivem uma vida inautêntica. Buscam preencher seu vazio na banalidade da vida cotidiana. A impessoalidade torna a vida mais segura e monótona. Fazer o que os outros fazem torna a vida mais fácil. Nos dias atuais muitos preenchem seu vazio em divertimentos e no consumo. Os indivíduos buscam ainda cargos, poder, dinheiro, sexo para fugir da angústia e da responsabilidade por sua vida. O mal de tudo isso é que buscam as agitações da vida como se a posse das coisas que buscam devesse torná-los verdadeiramente felizes. O problema é que não os tornam, nunca estão satisfeitos com nada. A grande consequência disso é que abandonam seu projeto essencial. As preocupações da vida constantemente os distraem e o perturbam. “O ser humano, em sua vida cotidiana, seria promiscuamente público e reduziria sua vida a vida com os outros e para os outros, alienando-se totalmente da principal tarefa que seria o tornar-se si mesmo” (CHAUÍ, 1996, p.8).

Nestes termos, percebe-se o perigo de o acadêmico fracassar na sua busca pela realização de seus sonhos, no projeto de uma graduação, na compensação pelas agruras da vivência acadêmica, colocando, desse modo, tudo a perder.

Assim sendo, Kierkegaard trouxe à tona a questão do livre-arbítrio como a fonte da angústia humana. Ele afirma que, pela falta de um projeto básico para a sua existência e pela ausência de uma essência definidora de si, é imposta ao homem uma liberdade absoluta que lhe gera medo, insegurança e angústia.

Para a maioria dos acadêmicos não é fácil transformar uma situação. Sair de uma situação de “sufoco” e mudar para outra de “realização” pode levar um período curto ou um período longo, o que aguça a noção de dilema tempo-espaço. É isto porque boa parte do tempo o discente está se opondo às vezes até a si mesmo sem se dar conta em relação àquilo que se quer. Pode-se mesmo acrescentar que certamente há condicionamentos que o mantêm preso e

despercebido quanto ao tempo-espaço da duração do seu curso. Só pensar no que se quer dificilmente o levará a atingir o seu objetivo se estiver em oposição ou em desarmonia internamente.

Nesse sentido o homem, lutando com e contra um estado de coisas do qual ainda não se deu conta, ou seja, o estado de inocência, conceberá a inquietação angustiante de se projetar e de ser algo real e efetivo o “ser no mundo”. Para o filósofo Kierkegaard a inocência é ignorância. Escreve o autor:

Na inocência, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade. O espírito está sonhando no homem. [...] Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. Sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela (KIERKEGAARD, 2011, p. 44).

Esse desejo de projeção torna o homem vulnerável ao ponto de fazê-lo presa fácil ao encantamento, a atração do desconhecido. Então, ao ser engodado pela perspectiva de tornar-se igual a outro “Ser”, possuidor de um nível do conhecimento em grau mais elevado, o homem, pela ignorância ultrapassa as fronteiras, do seu limite e, a partir do salto dado inaugura a sua liberdade de escolha. Nesse sentido Kierkegaard afirma que:

A proibição deixa inquieto Adão, porque nele desperta a possibilidade da liberdade. O que se ofertava à inocência como um nada da angústia adentrou-o e conserva ainda aqui um nada: a aflitiva possibilidade de poder. Com respeito ao que pode, não tem nenhuma ideia. (...) existe em Adão somente a possibilidade de poder, como uma forma superior de ignorância, como expressão elevada da angústia, visto que, a este nível mais alto, a angústia existe e não existe, Adão tem amor e foge dela (Kierkegaard, 2011, p. 48).

Entretanto, antes da queda, o projeto para o homem era crescimento demográfico, expansão territorial, sujeição e o domínio da natureza, todavia, o homem após a queda, recebe o prêmio do suborno, pela sua escolha e, conseqüentemente passa a ser conhecedor da ciência do mal e do bem. Do mal porque durante a sua existência há de conviver com o sentimento de culpa e, apesar disso, saber que essa essência do mal o acometerá novamente durante a sua vida, e do bem porque é possibilidade de libertação do tribunal da

consciência, ou seja, o pecado torna-se inerente a natureza universal do ser humano. Parece-nos que coube a Sartre dar uma clara explicação deste fenômeno, quando escreveu:

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior, [...] e que Deus quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim o conceito de homem no espírito de Deus [...]. O homem possui uma natureza; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. (SARTRE, 1978, p. 4).

Sendo o homem portador na sua essência deste fenômeno existencial que o filósofo Kierkegaard explícita na filosofia da vivência e coloca diante da humanidade como sendo a angústia inerente ao homem durante a sua finitude, como então poderá este vencê-lo? O autor responde a este questionamento afirmando a necessidade de o homem ser honesto frente à possibilidade de ter fé, isto é, certeza interior que antecipa a infinitude. Escreve ele:

[...], mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absoluta e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade e ter a fé. Por fé compreendo aqui o Hegel, à sua maneira, em algum lugar, corretissimamente, chama de certeza interior que antecipa a infinitude. Se forem ordenadamente as descobertas da possibilidade, então a possibilidade há de descobrir todas as finitudes, mas há de realizá-las na forma da infinitude, e há de mergulhar o indivíduo na angústia, até que este, por sua parte, as vença na antecipação da fé (KIERKEGAARD, 2011, p. 172).

A angústia conduz o homem aonde ele quer ir, para a finitude (morte) ou para a infinitude (grande extensão da vida), à sua libertação, convivendo com ela, usando-a como um meio de transporte, que o deixará em qualquer parada à beira da estrada da vida. Na parada da vivência acadêmica a angústia dá o sinal positivo da fé, da certeza de sair vitorioso desse ambiente angustiante, para depois, tornar a ele, se assim o desejar, para uma nova experiência de angústia, desta vez, na extensão do conhecimento. Em outros termos, temos aqui um paralelo com a “alegoria da caverna” de Platão. Com efeito, os eternos prisioneiros da caverna vivem na inocência. Descoberta a possibilidade de ir à luz, nasce a angústia, que não sai mais de quem abandonou a inocência, até porque, voltando-se para a caverna, aumenta-se a angústia diante do

posicionamento dos inocentes prisioneiros que sequer suspeitam da existência da luz do dia.

3 A ANGÚSTIA ACADÊMICA NA UNIFAP - CAMPUS SANTANA

Debruçamo-nos aqui sobre a análise do *lócus* da pesquisa, procurando evidenciar as características da Universidade Federal do Amapá – Campus de Santana e a sua possível relação com a angústia dos universitários. O estudo tem por finalidade avaliar, por meio de diagnóstico se os discentes do curso de filosofia percebem os sentimentos e emoções inerentes às dificuldades, no decorrer cotidiano da práxis acadêmica e, em caso positivo, como se dá tal percepção.

3.1 O ambiente universitário

Como já anunciado, a pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal do Amapá, em Santana (figura 1). Este espaço compreende a instalação do Campus de Santana, vinculado a Universidade Federal do Amapá, o qual foi instituído pela Resolução nº 019/2006 – CONSU. Consiste em instalações próprias localizadas em uma área de dois hectares, ao longo da Rodovia Duca Serra, nº 1233, Bairro da Fonte Nova (Figura 01).

Figura 1 – Imagem aérea da UNIFAP/Santana



Fonte: Google Earth, 2019.

O campus entrou em funcionamento no dia 2 de maio de 2005 com a criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, curso este que, a partir de 2016, passou a funcionar no Campus Marco Zero. No dia 9 de dezembro de 2015 começou a funcionar as primeiras turmas dos Cursos de Licenciatura em Filosofia, Letras, Química e Pedagogia, regulamentado pela RESOLUÇÃO Nº 046/2013-CONSU de 21 de novembro de 2013, após da assinatura de pactuação entre a UNIFAP e a Diretoria do Desenvolvimento da Rede de IFES da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, a Diretora do DIFES/SESu/MEC e a Coordenadoria Geral de Recursos Humanos.

No período da pesquisa, que compreende o ano de 2019, constatamos por levantamentos realizados no campus de Santana que, diante da exigência do colegiado do curso de Química, por melhoria estrutural em seu laboratório e não havendo possibilidade de atender tais demandas, este curso foi transferido para o Campus Marco Zero. Com isso, há atualmente três cursos, a saber: Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em Letras e Licenciatura em Pedagogia, os quais atendem conjuntamente 333 alunos. Os três cursos funcionam nos turnos vespertinos e noturnos. Não há curso no período matutino.

O público ao qual a UNIFAP/SANTANA recebe é bem diversificado. Muitos discentes são provenientes de várias localidades, como: Ilha de Santana, Distrito de Fazendinha, Igarapé da Fortaleza e de outras localidades de Macapá e adjacências. O perfil socioeconômico predominante dos acadêmicos é de médio a baixo. Muitos contam com auxílios assistenciais estudantis como Bolsa Permanência, Auxílio creche, Auxílio moradia, bem como com o Bolsa Família.

Alguns não dispõem sequer de recursos financeiros para o deslocamento até a universidade, para sanar esta problemática a universidade disponibiliza transporte escolar, o qual atende aos alunos nos dois turnos: vespertino e noturno (figura 2).

Figura 2 – Entrada do Campus de Santana - UNIFAP



Fonte: Fotografia da autora, 2019.

O espaço físico do Campus de Santana é formado por cinco blocos (A, B, C, D, E) distribuídos da seguinte maneira: o Bloco A, onde funciona a administração do campus universitário está assim distribuído: A1, local da Coordenação e Direção do Campus; A2 anexos da sala das Coordenações dos Cursos (Letras, Filosofia e Pedagogia); A3, Sala de Xerox, futura sala do NTI (Núcleo de Tecnologia da Informação) e Espaço para uma nova coordenação; Lanchonete e área de convivência; Copa/ depósito; Conjunto de banheiros para atender os funcionários e professores.

No Bloco B funcionam quatro salas de aulas, sendo que duas foram equipadas com armários, mesas e computadores para atender as coordenações dos três cursos; Sala B1, equipada com Brinquedoteca e Laboratório de Ensino; Sala B2 funciona como sala dos Professores, de Reuniões e Orientação; Sala B3 onde são ministradas as aulas do curso de Letras; Sala B4 – Sala de aula do curso de Letras;

O Bloco C possui três salas de aulas distribuídas da seguinte maneira: Sala C1, Sala de aula do Curso de Filosofia; Sala C2, Sala de aula; Sala C3, Sala de aula; conjunto de banheiros para os acadêmicos;

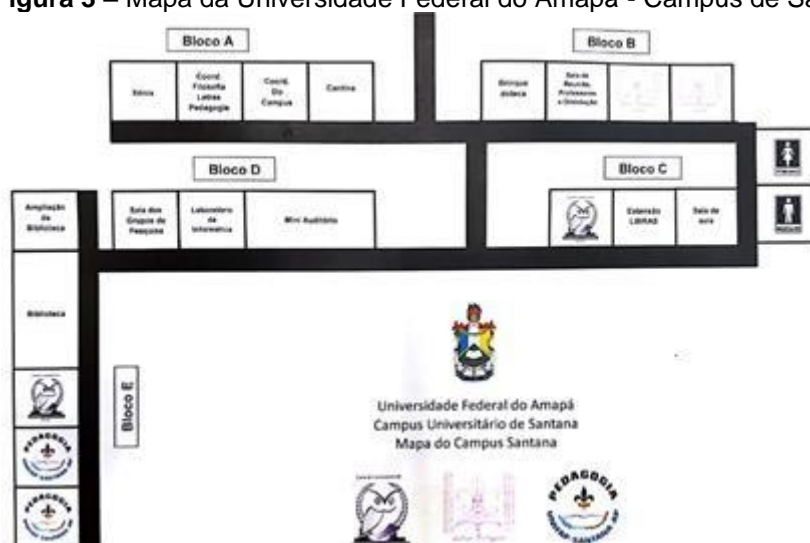
Funcionam no bloco D quatro salas, distribuídas da seguinte maneira: D1, Miniauditório com 100 lugares e equipado com caixa de som, microfone, televisão e Datashow, ocupando duas salas que foram modificadas; D2 no qual

está localizado o Laboratório de informática com 25 computadores de última geração para discentes e 1 para docentes, possuindo também Datashow e caixa de som; D3, Laboratório dos Grupos de Pesquisa;

No Bloco E funcionam cinco salas: E1, Laboratório de Química atualmente desativado, o qual será mesclado no projeto de ampliação da biblioteca; E2, Biblioteca do Campus de Santana; E3, Sala de aula de Filosofia; E4, Sala de aula de Pedagogia; E5, Sala de aula de Pedagogia.

De acordo com levantamentos do bibliotecário da instituição, realizado no mês de abril de 2018 e a nós disponibilizado para consulta, o acervo da Biblioteca do Campus de Santana conta com 3.008 (três mil e oito) exemplares e 504 (quinhentos e quatro) títulos do acervo de livros impressos. Possui três computadores, para utilização de pesquisa dos alunos e dois para servidores da biblioteca. Conta também com uma impressora, cinco mesas para estudantes, vinte e cinco assentos e três cabines individuais. A Biblioteca atende aos acadêmicos e à comunidade em geral no horário: das 14h00min às 22h00min. Além dos computadores com internet, também está disponibilizada internet por rede wifi por todo Campus, acessada mediante senha. (figura 3).

Figura 3 – Mapa da Universidade Federal do Amapá - Campus de Santana.



Fonte: Acervo da UNIFAP/SANTANA, 2019.

3.2 A angústia na Universidade Federal do Amapá/Santana

A pesquisa de campo ocorreu neste espaço, como já enunciado, tendo como público principal os acadêmicos do curso filosofia da turma 2016/1 e procurou perquirir a percepção da angústia com a questão das práticas desenvolvidas pelos discentes, com destaque para os sentimentos e sensações que esse público experimenta no ambiente universitário.

Em termos de percentuais, destacamos que no curso de filosofia da UNIFAP/SANTANA estão devidamente matriculados cento e cinquenta e sete universitários, sendo que, desse universo, trinta e sete acadêmicos compõem a turma 2016/1, que representam 13,02 % do total de matriculados no curso de filosofia da instituição. Acrescenta-se ainda que apenas 20 alunos da referida turma representando 64,03% de acadêmicos dessa classe, se dispuserem a contribuir com esta pesquisa, respondendo as formulações propostas. Os demais alegaram não ter tempo ou disponibilidade para tal.

O estudo procurou investigar em que medida as dificuldades no desenvolvimento das práticas acadêmicas executadas pelos discentes do mencionado curso de filosofia contribuem ou não para o surgimento da angústia e como tal angústia é ou não percebida pelo discente. Levamos em consideração que o ambiente acadêmico-universitário tem como uma de suas principais funções a formação em nível superior desses sujeitos para que estejam preparados profissional e socialmente para o ingresso no mercado de trabalho, contribuindo também para o fortalecimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Neste contexto, há a necessidade de se considerar que a universidade e seus atores participem desse processo por meio de suas práticas didático-pedagógicas.

4 OS ACADÊMICOS DE FILOSOFIA E A ANGÚSTIA

Visando especificar a presença da angústia na vida dos acadêmicos de Filosofia no Campus de Santana foi inquirido os acadêmicos sobre esta temática. Desse modo, surge a primeira indagação que é: O que você entende por angústia?

Nesta questão importante da pesquisa com relação ao conhecimento e percepção que os sujeitos têm sobre a angústia, as respostas foram variadas.

Ou seja, os universitários afirmaram que identificam ou percebem de várias maneiras a angústia, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1 – O conhecimento/entendimento sobre a angústia

PERGUNTA 1	ALTERNATIVAS PARA RESPOSTAS	Total	Percentual
O que você entende por angústia?	Um sentimento de sufocamento e sensação de aperto no peito, acompanhado da falta de humor, de ressentimento e até dor física.	15	75%
	Quando o ser humano enfrenta situações de confronto, pressão, impotência diante dos problemas ou cobranças sem saber o que fazer.	17	85%
	um sentimento de medo vago e indeterminado, sem objeto real ou atual, que nos apavora	13	65%

Tabela 1 - O conhecimento/entendimento sobre a angústia (conclusão)		
Pelo fato de sermos livres para escolher nossa própria vida e, depois das escolhas descobrir que não era aquilo que queria, que deu tudo errado	09	45%
Uma emoção que está à frente de um acontecimento ou uma circunstância, que ocorre por consequência de lembranças traumáticas	14	70%
Não fazer nada	04	20%

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa de Campo, 2019.

A Tabela 1 demonstra pelas respostas dos entrevistados que há diversidade de sentimentos e sensações, como exemplos: sufocamento, falta do humor, dor física, medo, liberdade, o desconhecido, traumas pretéritos, emoções e até a ociosidade, elencadas nas afirmações quanto à percepção da angústia pelos acadêmicos. Entretanto, a resposta que predominou alcançou o índice de 85%, (oitenta e cinco por cento). *“Quando o ser humano enfrenta situações de confronto, pressão, impotência diante dos problemas ou cobranças sem saber o que fazer”*. Porém, todas as respostas demonstram que os entrevistados percebem/sentem angústia e dizem respeito aos problemas e às dificuldades enfrentadas no seu dia-a-dia na universidade, na vida pessoal, profissional e social, o que é válido para o contexto desta pesquisa, pois a universidade está no entorno e dentro do sujeito como uma de suas escolhas a serem vividas e conquistadas. Nesse sentido Sartre, afirma que:

(...) o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1978, p. 5).

Neste contexto deve-se compreender que quando se trabalha com a mente, buscando resolver problemas para alcançar objetivos propostos, muitas vezes sem saber por onde começar, pode-se tornar a preocupação ainda maior. Isto porque o conhecimento do sujeito quando é limitado para tratar certas questões de complexidades, deixa o acadêmico impotente. E o deixa assim porque ele não alcança uma compreensão necessária dos fundamentos da disciplina de filosofia, uma disciplina mental que pressiona o sujeito a dar respostas não somente para a disciplina, mas para si mesmo, como prova de sua capacidade, ou incapacidade diante das suas responsabilidades em sala de aula.

Nesse sentido, abordar as complexas relações de interdependência entre os diversos elementos da subjetividade *“por uma emoção que está à frente de um acontecimento”* e da objetividade, como se observa nas respostas dos acadêmicos, traz à tona o enfrentamento de conflitos pessoais, que causa um medo, até a dor física, cobranças por parte da família, dos professores. Em outras palavras, o acadêmico está constantemente sobre pressão. E esta pressão é angustiante.

Outra questão interessante neste contexto é com relação à percepção da angústia pelos sujeitos da pesquisa no ambiente da prática universitária.

Tabela 2 – A percepção da angústia pelos acadêmicos

PERGUNTA 2	ALTERNATIVAS PARA RESPOSTAS	Total	Percentual
Como você percebe que está com angústia?	Surgem no cotidiano dificuldades com a memória e muito cansaço mental	13	65%
	Um grande esforço emocional para ser superado	16	80%

Tabela 2 - A percepção da angústia pelos acadêmicos (conclusão)		
Dificuldade de concentração e apatia ou indiferença emocional	14	70%
Sem causa aparente, sentir nervosismo, sensibilidade excessiva	17	85%
Ter grande irritação devido à tensão física e mental experimentada	15	75%
Outros (não informado pelo discente)	01	5%

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa de Campo, 2019.

Neste item foram várias as respostas que os inquiridos abonaram, conforme a tabela 2. Nas respostas, o que infere é que para os acadêmicos a angústia pode ser percebida como uma reação que possui componentes físicos e mentais, que pode se desenvolver frente a situações que representam um desafio para o indivíduo. Entretanto, também é interessante destacar que 85% (oitenta e cinco por cento), afirmou “*Sem causa aparente, sentir nervosismo, sensibilidade excessiva*”. Para Kierkegaard “O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo” (KIERKEGAARD, 2011, p. 47). Os acadêmicos sofrem no corpo físico as consequências do que se passa em sua mente, cansaço, apatia, tristeza, alegria. Todo o ambiente ao seu redor os obriga a ser responsáveis, a responder ao que lhes é dirigido pelo ambiente acadêmico.

O ambiente acadêmico é importante para construção e a formação de novos valores e condutas no espaço formativo-educacional. Perceber a angústia nesse lugar é vital para entender o comportamento do próprio aluno, o seu ponto de vista, com relação ao que ocorre consigo mesmo, quando está envolvido no

processo de ensino-aprendizagem. A partir da percepção dos acadêmicos de filosofia deste Curso sobre o conceito de angústia, é presumível conhecer e identificar a inter-relação do ser humano e a angústia, entendendo as correlações existentes entre eles. A contribuição de Husserl esclarece o seguinte:

Temos experiência originária das coisas físicas na "percepção externa", não mais, porém, na recordação ou na expectativa antecipatória; temos experiência originária de nós mesmos e de nossos estados de consciência na chamada percepção interna ou de si, mas não dos outros e de seus vividos na "empatia" (HUSSERL, 2006, p. 2).

Assim, o uso da percepção dos universitários nas aulas de filosofia, no decorrer das práticas acadêmicas é primordial para entender a angústia que os acomete, além de ser fundamental para o enfrentamento e a possibilidade de superação, pois, a angústia é fator presente em todas as atividades humanas, não sendo diferente na universidade, um lugar de grande importância para a construção e transformação dos sujeitos e da sociedade.

A terceira pergunta está diretamente associada a esses acontecimentos no ambiente universitário e trata sobre o que ocasiona esse estado de angústia.

Tabela 3 – A prática acadêmica e a angústia

PERGUNTA 3	ALTERNATIVAS PARA RESPOSTAS	Total	Percentual
Há alguma relação entre a prática acadêmica e a angústia?	(X) Não.	09	45%
	(X) Sim. . Em caso afirmativo, qual/quais? _____ Não saber resolver problemas; Condição emocional; O esforço mental pode se tornar na angústia; Irritação e desconforto; Falta de humor e empatia; Irritação; Sentido de vazio; Rotina e decepções do cotidiano	11	55%

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa de Campo, 2019.

A resposta da maioria dos alunos (55%) demonstra que ainda falta a correlação entre os conteúdos ministrados em sala de aula e a práxis no cotidiano dos alunos, na relação teoria versus prática. Assim, é necessário discutir a compreensão que os discentes têm acerca do pensamento filosófico contemporâneo, em sua relação com a visão de ciência e metodologia de pesquisa, pois, não saber resolver problemas, parte do pressuposto de não saber formular problemas e, problemas geram respostas, ou também há a ocorrência no academicismo da baixa conexão com a problemática e a qualidade das respostas. Em outras palavras, considerar-se-á que é preciso ter capacidade de teorização para produzir conhecimento. Kierkegaard adverte quanto a esta questão que:

“cada problema científico tenha, dentro do vasto âmbito da ciência, seu lugar determinado, sua medida e seus limites e, justamente por isso, sua harmônica ressonância no conjunto, sua legítima consonância naquilo que o todo exprime” (KIERKEGAARD, 2011, p. 11).

A partir dessas complexidades, os esforços mental e emocional personificam um sujeito angustiado, para conseguir cumprir cronograma de pesquisa, linguística culta e normas e técnicas do padrão científico, fundamentais na prática científica e universitária.

A quarta questão reveste-se de importância na medida em que for capaz de contextualizar as práticas educativas que envolvem a capacidade de expressar os pensamentos, as ideias, opiniões e sentimentos através do uso da linguagem escrita.

Tabela 4 – As Práticas acadêmicas e a angústia

PERGUNTA 4	ALTERNATIVAS PARA RESPOSTAS	Total	Percentual
Quais as atividades que você desenvolveu ao longo do curso que têm relação com a angústia?	Estudar para seminários, debates em sala de aula sobre determinado tema	10	50%

Tabela 4 - As Práticas acadêmicas e a angústia (conclusão)		
Fazer redação, fichamento, resenha, resumo e relatórios	12	60%
Construção de artigos para avaliação de disciplinas	12	60%
Participar de Estágio	04	20%
Apresentação de trabalhos em grupo, exposição de trabalhos	06	30%
Outros (não informado pelo acadêmico)	02	10%

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa de Campo, 2019.

Inicialmente, reportamos que há momentos na vida do acadêmico que é o seu “batismo de fogo”, de provação, da capacidade de pensar e passar para o papel o seu poder de síntese. Doze alunos que representam 60% (sessenta por cento) dos entrevistados, responderam que dentre as práticas que executam na sala de aula, as que os deixam vulneráveis a angústia, essencialmente, são as que exigem a redação de textos. Outros 50% (cinquenta por cento) disseram que as práticas angustiantes se situam no aspecto do estudar, memorizar, debater com os colegas em sala de aula, durante os seminários. Entretanto, externar o pensamento de maneira adequada, com clareza, e suficiente para transcrever essa linguagem é necessário fazer uma reflexão, uma elaboração de si mesmo, um encontro de si mesmo, uma experimentação com a linguagem, diferente de uma simples reprodução do ouvir a fala do professor e, ler o que autores

escrevem. Pois, "a linguagem é a casa do ser" (HEIDEGGER, 2003, p. 127). Em outras palavras, escrever o que sente, deseja, compreende.

Um fator preponderante neste aspecto é a "competência do leitor, seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que ele possui a familiaridade com os temas explorados" (FIORIN; SAVIOLI, 2005, p. 420). Portanto, a preocupação dos acadêmicos reside é compreensível, pois, a angústia está em querer fazer (desejo), para poder alcançar uma aprovação. Caso contrário, ocorre a reprovação, o não desejado. Citamos, neste contexto, Kierkegaard, para quem: "[...] deve-se admitir que a ameaça do castigo desperta uma representação assustadora" (KIERKEGAARD, 2011, p. 47) e, não ser aprovado significa, em algum grau, certo castigo.

É na linguagem escrita que o homem possibilita a experiência, inaugura o pensamento, sua própria reflexão, para que seja externada e tal atividade alcance o mundo através do fenômeno de comunicação. Com efeito, escrever é um ato que exige, de um lado, a maturação do conteúdo dentro do sujeito que escreve e, de outro lado, a preocupação com aquele a quem a escrita se dirige. No caso da Universidade, tal escrita tem uma destinação específica: a comunidade acadêmica que, a par de ser um conjunto de pessoas que navegam nas mesmas águas do conhecimento específico, no caso específico deste estudo, no conhecimento filosófico, encontra-se com um público seletivo capaz de avaliar se aquilo que o acadêmico escreveu coincide ou não com o que dele se espera.

É, pois, de se inferir que a comunicação acadêmica em geral e filosófica em particular produz certo grau de angústia. E tal angústia, como demonstrada nas diversas respostas dos alunos do Campus de Santana, se situa em grande parte no fato de o acadêmico achar-se em constante possibilidade de não alcançar o seu objetivo, o que se manifesta direta ou indiretamente em forma de angústia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi realizar um estudo sobre o tema da angústia no ambiente acadêmico, no curso de filosofia da Universidade Federal – Campus de Santana. Segundo a pesquisa de campo realizada, o tema tem grande pertinência.

A pesquisa resolveu o problema proposto de investigar as dificuldades no desenvolvimento das práticas acadêmicas executadas pelos discentes do curso de filosofia. Ela indicou os fatores que contribuem para o surgimento da angústia acadêmica e como ela é percebida pelos discentes de filosofia. A hipótese estruturada para responder essa questão foi confirmada. O Estudo conseguiu investigar e analisar a percepção da angústia durante as práticas acadêmicas do curso de filosofia na universidade que os deixa angustiados.

Constatou-se que os conhecimentos filosóficos, científicos e o conceito de angústia são abordados de maneira concisa pelos docentes do curso de filosofia do Campus Santana, o que possibilitou que os universitários tivessem uma real compreensão dos métodos da abordagem e da conceituação do fenômeno da angústia.

Observando-se a infraestrutura do Campus de Santana, avaliou-se *in lócus* por meio de diagnóstico a percepção dos acadêmicos quanto a angústia na academia durante a prática formativa-educativa. Metodologicamente tratouse de um estudo bibliográfico combinado com pesquisa empírica e aplicação de formulário de pesquisa com perguntas abertas. Por serem questões abertas, os percentuais ultrapassam 100% (cem por cento) em sua somatória.

No estudo, ficou evidenciado que a prática acadêmica é fundamental na formação dos futuros professores e filósofos. A fragilidade, ou não, desses futuros profissionais poderá ser resultado de sua formação acadêmica e pessoal. Não se trata de uma pesquisa terminativa, mas está aberta à continuidade de novas abordagens sobre o assunto.

Espera-se, com este estudo, não somente obter o título almejado como, ao lado disto e com igual relevância, deixar registrado de maneira modesta mas incisiva, os aspectos angustiantes que se fazem presentes no estudo de Filosofia na Unifap, no Campus de Santana, ressaltando-se que tal angústia se faz necessária, na medida em que o estudante não somente passa pela

Universidade como, igualmente, a Universidade passa pelo estudante, marcando profundamente sua vida.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CASTRO, Cláudio de Moura. “Há produção científica no Brasil”? *In*: SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Cláudio de Moura. **Pesquisa universitária em questão**. Campinas: Editora UNICAMP; São Paulo: Ícone/CNPq, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **Heidegger, vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção os Pensadores).
- DANNA, Maria Ferreira et al. **Aprendendo a Observar**. São Paulo: EDICON, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é Metafísica?** São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Os conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro. Forense, 2011.
- HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes; 2011 (Coleção vozes de bolso).
- LAKATOS, Eva Maria et al. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- SANTOS, Pedro Carlos Ferreira. A atualidade do conceito de angústia de Kierkegaard. **Revista da Unisinos**, v. 9, n. 2, p. 202-214, ago./dez. 2011.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.